



BOLETIM DO **LEITE**

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 24 nº 282 | Novembro - 2018
Centro de Estudos Avançados em
Economia Aplicada - ESALQ/USP

**NOVEMBRO
2018**



Fraca demanda pressiona cotações

Por Natália Grigol

Os preços do leite ao produtor estão em queda, somando baixa de 6,9% nos dois últimos meses. Em outubro, a “média Brasil” líquida (que considera os estados de BA, GO, MG, SP, PR, SC e RS, sem frete e sem impostos) chegou a R\$ 1,4401/litro. De acordo com colaboradores consultados pelo Cepea, o movimento de recuo deve continuar nos próximos meses, influenciado pelo descompasso entre oferta e demanda.

A demanda por lácteos é estimulada a partir do aumento de renda e, nesse sentido, a atual estagnação econômica e a consequente redução do poder de compra do consumidor limitam as aquisições dos derivados. Diante deste cenário, os laticínios têm o desafio de alocar o leite cru em um mix de produtos lucrativos.

O lácteo mais consumido do Brasil é o leite UHT, de modo que sua demanda é a menos afetada em momentos de crise econômica. Além disso, seu elevado prazo de validade, a não exigência de cadeia do frio para estocagem e a possibilidade de processá-lo a partir de ampla gama de qualidade do leite cru tornam o UHT um produto estratégico para a indústria láctea. O mesmo pode ser dito para os canais de distribuição, que pressionam as negociações com laticínios para obter preços mais baixos e atrair consumidores.

Vale lembrar que, depois da greve dos caminhoneiros no final de maio e do consequente desabastecimento, o preço do UHT subiu 20,2% entre junho e julho – e o consumidor absorveu essas altas consecutivas. Desde agosto, as cotações vêm oscilando e, no momento atual de desvalorização, as promoções do UHT chamam a atenção e atraem os consumidores.

No acumulado da primeira quinzena de novembro, a média de preços do UHT recebidos pelas indústrias no estado de São Paulo caiu 10,1%, com média de R\$ 2,19/l – ainda assim, 3,4% superior à da mesma quinzena de 2017. Agentes consultados pelo Cepea relatam aumento da competitividade das indústrias para

vender o UHT e necessidade de realizar promoções para assegurar liquidez. Por outro lado, o volume de estoque oscilou de “um pouco acima do normal” a “normal”. Isso mostra que o mercado do UHT não está completamente inundado pelo aumento da captação, mas que, dada a sua participação estratégica nos negócios das indústrias e atacados, funciona como uma “esponja”.

Por conta dessas características, as movimentações de preço e de consumo observadas na comercialização do UHT podem ser utilizadas para entender e prever situações no campo. Para agentes do setor, é evidente que nos próximos meses a tendência de queda permaneça, à medida que a captação se eleve gradualmente. Em algumas bacias leiteiras, agentes consultados pelo Cepea esperam volumes semelhantes ou até mesmo maiores do que os do mesmo período de 2017 – quando se falava em “superoferta”. De acordo com dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL) do IBGE, houve elevação de 0,3% na captação do 3º trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, evidenciando a recuperação na oferta de leite.



EXPEDIENTE

Equipe Leite: Natália Salaro Grigol, Caio Monteiro, Juliana Cristina dos Santos, Munira Nasrallah, Ivan Barreto e Laura Medeiros

Equipe Grãos: Lucilio Alves, André Sanches, Débora Kelen Pereira da Silva, Isabela Rossi, Carolina Sales, Raphaela Spolidoro, Márcia Ferreira e Marcella Rena

Editora Executiva e Pesquisadora do Projeto: Natália Salaro Grigol

Editor Científico: Prof. Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros

Pesquisador do Projeto Leite: Sergio De Zen

Gestora Executiva: Gabriela Garcia Ribeiro

Revisão: Bruna Sampaio (Mtb: 79.466), Nádia Zanirato (Mtb: 81.086) e Flávia Gutierrez (Mtb: 53.681)

Jornalista Responsável: Alessandra da Paz - Mtb: 49.148

Contato:

(19) 3429-8834 | leicepea@usp.br

Endereço para correspondência:

Av. Centenário, 1080 | Cep: 13416-000 | Piracicaba/SP

O Boletim do Leite pertence ao CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP

A reprodução de conteúdos publicados neste informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Boletim do Leite/Cepea e a devida data de publicação.



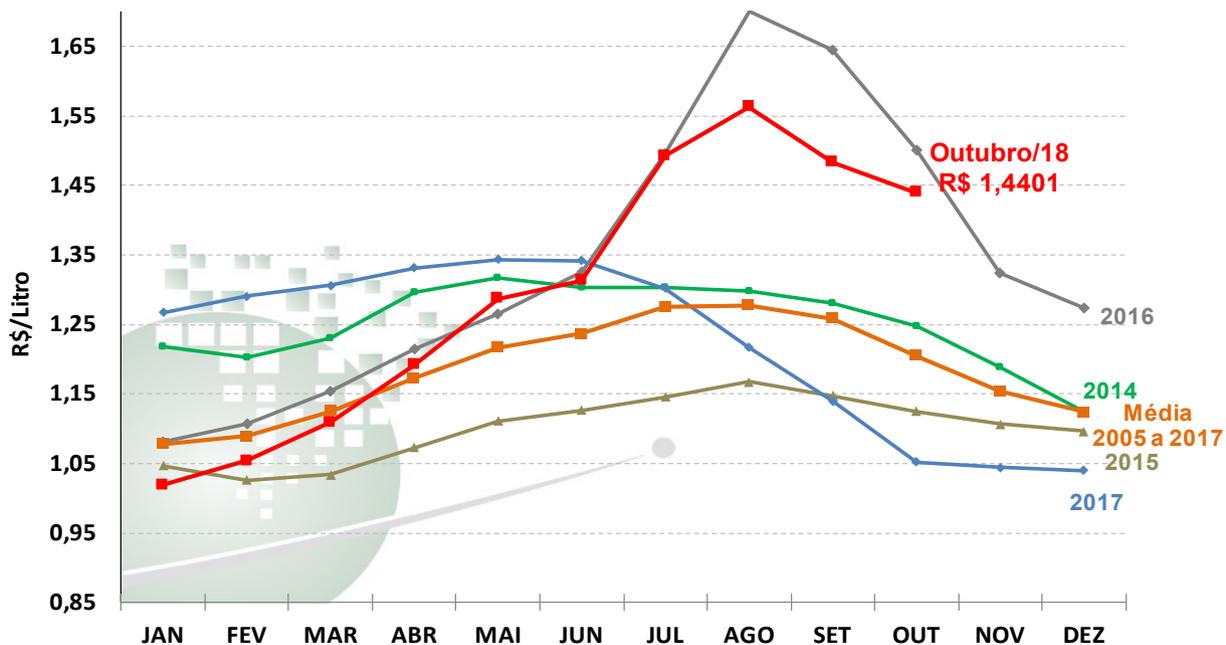
Tabela 1 - Índice de Captação do Leite do Cepea (ICAP-L)

VARIÇÃO MENSAL NA CAPTAÇÃO	
set-17	4,11%
out-17	-1,76%
nov-17	1,32%
dez-17	0,23%
jan-18	-2,17%
fev-18	-1,22%
mar-18	-7,22%
abr-18	-1,46%
mai-18	-14,37%
jun-18	17,57%
jul-18	6,25%
ago-18	4,85%
set-18	2,79%
Acumulado dos 12 meses	5,79%
Acumulado 2018	1,85%

Fonte: Cepea-Esalq/USP.

Gráfico 1 - Preços médios recebidos pelo produtor (líquido), em valores reais (deflacionados pelo IPCA de outubro/18)

**MÉDIA BRASIL PONDERADA LÍQUIDA (BA, GO, MG, SP, PR, SC, RS)
VALORES REAIS - R\$/LITRO (Deflacionados pelo IPCA de outubro/18)**



Fonte: Cepea-Esalq/USP.

Tabela 2 - Preços pagos pelos laticínios (brutos) e recebidos pelos produtores (líquido) em OUTUBRO/18 referentes ao leite entregue em SETEMBRO/18

Mesorregião	Preço Bruto Inclusos frete e CESSR (ex-Funrural)			Preço Líquido			Var% Bruto	Var% Líquido	
	Mínimo	Médio	Máximo	Mínimo	Médio	Máximo	%	%	
RS	Noroeste	1,3309	1,5091	1,8079	1,2145	1,3901	1,6845	-2,19%	-2,22%
	Centro-Oriental	1,0714	1,4252	1,4929	0,9773	1,3258	1,3925	-1,34%	-0,92%
	Média Estadual - RS	1,3040	1,4905	1,7415	1,1965	1,3803	1,6276	-2,07%	-2,01%
SC	Oeste Catarinense	1,2228	1,4866	1,6313	1,1282	1,3882	1,5307	-2,94%	-3,05%
	Norte Catarinense/Vale do Itajaí	1,0717	1,3642	1,6030	0,9423	1,2304	1,4658	-2,27%	-2,52%
	Média Estadual - SC	1,2068	1,4626	1,6051	1,1116	1,3636	1,5040	-2,82%	-2,88%
PR	Centro Oriental Paranaense	1,5143	1,7049	1,7512	1,4325	1,6203	1,6659	-0,22%	-0,23%
	Oeste Paranaense	1,2177	1,4785	1,5727	1,1307	1,3876	1,4804	-3,35%	-3,56%
	Sudoeste Paranaense	1,4394	1,5628	1,6723	1,3196	1,4413	1,5491	0,06%	0,27%
	Média Estadual - PR	1,3940	1,5550	1,6523	1,2912	1,4498	1,5457	-2,00%	-2,12%
SP	São José do Rio Preto	1,1801	1,5588	1,7591	1,0825	1,4557	1,6530	-4,04%	-3,81%
	Campinas	1,3952	1,7004	1,8141	1,2837	1,5842	1,6963	-2,49%	-2,56%
	Vale do Paraíba Paulista	1,3825	1,5263	1,5961	1,3188	1,4605	1,5327	-1,99%	-1,39%
	Média Estadual - SP	1,3974	1,6176	1,7455	1,2930	1,5099	1,6374	-0,81%	-0,61%
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,3789	1,6362	1,8121	1,2647	1,5183	1,6915	-2,63%	-2,82%
	Sul/Sudoeste de Minas	1,4439	1,5848	1,7077	1,3612	1,5003	1,6216	-4,00%	-3,94%
	Vale do Rio Doce	1,3301	1,4685	1,7506	1,2124	1,3487	1,6266	-4,36%	-4,60%
	Metropolitana de Belo Horizonte	1,3018	1,5840	1,7974	1,1857	1,4637	1,6740	-2,47%	-2,48%
	Zona da Mata	1,3630	1,5209	1,6738	1,2633	1,4188	1,5695	-1,96%	-1,20%
	Média Estadual - MG	1,3805	1,5707	1,7425	1,2736	1,4611	1,6304	-2,90%	-2,92%
GO	Centro Goiano	1,4223	1,5797	1,6886	1,3106	1,4656	1,5729	-3,85%	-3,87%
	Sul Goiano	1,4040	1,5933	1,8006	1,2937	1,4803	1,6845	-5,21%	-5,43%
	Média Estadual - GO	1,3923	1,5877	1,7641	1,2799	1,4724	1,6462	-4,36%	-4,51%
BA	Sul Baiano	1,5030	1,5136	1,5242	1,3736	1,3840	1,3944	12,36%	13,65%
	Média Estadual - BA	1,4565	1,5458	1,5941	1,3146	1,4025	1,4502	7,45%	8,59%
MÉDIA NACIONAL - Ponderada		1,3534	1,5490	1,7151	1,2474	1,4401	1,6039	-2,35%	-2,35%

Tabela 3 - Preços em estados que não estão incluídos na "média Brasil" – RJ, MS, ES e CE

RJ	Sul Fluminense	1,1216	1,5057	1,7049	1,0661	1,4445	1,6407	-2,90%	-2,47%
	Centro	1,3935	1,6097	1,6747	1,2707	1,4837	1,5478	-4,39%	-4,52%
	Média Estadual - RJ	1,2323	1,4713	1,6089	1,1534	1,3889	1,5244	-3,86%	-4,21%
MS	Leste	1,1473	1,3995	1,4466	0,9690	1,2175	1,2639	4,21%	6,18%
	Sudoeste	1,2446	1,3859	1,4707	1,1243	1,2635	1,3469	-2,21%	-3,25%
	Média Estadual - MS	1,1927	1,3820	1,4516	1,0464	1,2328	1,3014	-0,38%	-0,70%
ES	Sul Espírito-santense	1,4847	1,5430	1,5660	1,3900	1,4476	1,4702	-1,93%	-1,69%
	Média Estadual - ES	1,3524	1,5344	1,5845	1,2325	1,4118	1,4602	-2,81%	-2,87%
CE	Sertões Cearenses	1,2489	1,4008	1,4959	1,1934	1,3430	1,4367	-7,16%	-7,69%
	Metropolitana de Fortaleza	1,2523	1,4539	1,5096	1,2323	1,4309	1,4859	1,72%	1,76%
	Centro Sul Cearense	1,1805	1,2596	1,2973	1,1610	1,2389	1,2761	2,85%	2,68%
	Média Estadual - CE	1,2973	1,4053	1,4699	1,2364	1,3428	1,4065	-4,19%	-4,80%

Fonte: Cepea-Esalq/USP.

Maior oferta e demanda enfraquecida pressionam cotações

Por Munira Nasrallah e Juliana Santos

A oferta ainda elevada da matéria-prima e a fraca demanda por derivados lácteos mantiveram a pressão sobre os valores pelo terceiro mês consecutivo no atacado do estado de São Paulo. A média de preço do leite UHT em outubro foi de R\$ 2,4746/litro, 5,03% abaixo da de setembro/18, mas 17,07% superior à de outubro/17. Colaboradores do Cepea relataram que as chuvas elevaram a oferta de leite, resultando na queda dos preços e na desaceleração da produção de alguns laticínios para evitar o crescimento de estoque.

Em relação ao queijo muçarela, a média fechou em

R\$ 18,33/kg em outubro, aumento de 0,50% na comparação com setembro/18 e de 24,84% frente a outubro/17.

Para novembro, as expectativas ainda são de preços enfraquecidos. Com base nas duas primeiras semanas do mês, os preços do leite UHT diminuíram 12% na comparação com outubro/18, fechando em R\$ 2,1910/litros. Para o queijo muçarela, a redução foi de 2,5% na mesma comparação, fechando em R\$ 17,95/kg.

Essa pesquisa diária de preços tem o apoio financeiro da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras).

Variações em termos reais (deflacionados pelo IPCA de outubro/2018) Cotação diária - atacado do estado de São Paulo

	Média de preços em outubro/18	Variação (%) em relação a outubro/17	Variação (%) em relação a setembro/18
Leite UHT	R\$ 2,4746 /litro	17,07%	-5,03%
Queijo muçarela	R\$ 18,33/kg	24,84%	0,50%

Fonte: Cepea-Esalq/USP e OCB.

Nota: Médias mensais obtidas de cotações diárias.

Preços médios (R\$/litro ou R\$/kg) praticados no mercado atacadista e as variações no mês de outubro em relação a setembro de 2018

Produto	GO			MG			PR			RS			SP			Média Brasil		
	Set	Out	%	Set	Out	%												
Leite pasteurizado	2,51	2,53	0,76%	2,23	2,18	-1,96%	2,37	2,31	-2,71%	-	-	-	2,36	2,31	-2,18%	2,31	2,39	3,51%
Leite UHT	2,61	2,43	-6,95%	2,53	2,50	-0,87%	2,68	2,56	-4,31%	2,46	2,36	-4,17%	2,66	2,53	-4,96%	2,59	2,48	-4,28%
Queijo prato	18,08	17,98	-0,57%	21,88	22,15	1,23%	19,27	19,16	-0,55%	20,31	20,31	0,00%	19,34	19,88	2,79%	19,78	19,89	0,61%
Leite em pó int.(400g)	17,46	17,59	0,76%	17,22	17,34	0,72%	20,33	19,81	-2,53%	18,59	18,63	0,23%	15,95	15,96	0,10%	17,91	17,87	-0,22%
Manteiga (200g)	25,82	27,35	5,90%	25,39	26,17	3,05%	25,31	24,46	-3,37%	26,02	25,83	-0,72%	25,34	25,58	0,94%	25,58	25,88	1,17%
Queijo muçarela	18,69	18,84	0,80%	20,23	19,89	-1,72%	18,32	18,00	-1,78%	18,38	18,44	0,33%	18,25	18,20	-0,27%	18,77	18,67	-0,54%

Fonte: Cepea-Esalq/USP.

Nota: Valores reais, deflacionados pelo IPCA de outubro/2018.

Evoluímos a linha de produtos para que sua produção de leite também evolua.

Conheça a nova linha Bovigold®

0800 011 6262 | www.tortuga.com.br







CEPEA

Alta nas importações aumenta o déficit da balança comercial

Por Laura Medeiros

Após dois meses consecutivos em queda, as importações brasileiras de leite em equivalente leite aumentaram 64,8% de setembro para outubro, somando 154 milhões de litros e gerando receita de US\$ 57 milhões, conforme dados da Secex. Frente ao mesmo período de 2017, as compras externas de produtos lácteos cresceram 114,2%.

O principal derivado lácteo importado foi o leite em pó, totalizando 127 milhões de litros em equivalente leite. A Argentina liderou as vendas ao Brasil, com 76 milhões de litros em equivalente leite e participação de 60% no total importado pelo País.

O preço médio do leite em pó importado da Argentina em outubro foi de US\$ 2,82/kg, estável frente ao de setembro. No Brasil, o valor médio do leite em pó, calculado pelo Cepea, ficou em US\$ 4,67/kg em outubro. Já o preço médio do produto brasileiro exportado foi de US\$ 3,95/kg, valores superiores aos pagos pela Argentina.

Apesar do recuo de 12,8% frente ao volume adquirido em setembro, o queijo foi o segundo produto mais importado pelo Brasil em outubro, somando 25 mil litros em equivalente leite. A participação do queijo nas aquisições totais de derivados em outubro foi de 16,2%. A

Argentina também foi a principal vendedora do produto, com participação de 68,6% nas importações brasileiras, que somaram 17 milhões de litros em equivalente leite.

As exportações brasileiras de leite em equivalente leite, por sua vez, recuaram 48,7% em relação ao mês de setembro, registrando 5 milhões de litros em volume e US\$ 4 milhões em receita. Em relação a outubro de 2017, os embarques de produtos lácteos diminuíram 27,8%. O queijo continua sendo o derivado mais exportado pelo Brasil, com 48,7% de participação no total das vendas ao mercado externo, o que corresponde a 2 milhões de litros em equivalente leite. A Rússia ocupa o primeiro lugar nas compras do queijo brasileiro, com participação de 28,2% no total, ou 703 mil litros em equivalente leite.

O segundo derivado brasileiro mais demandado pelo mercado internacional foi o leite condensado, com 33% de participação no total exportado pelo País em outubro, ou 1 milhão de litros em equivalente leite.

Assim, o déficit da balança comercial aumentou 55% de setembro para outubro, fechando com saldo negativo de US\$ 53,5 milhões. Em volume, o déficit foi de 149 milhões de litros em equivalente leite em outubro, 78,2% maior que o de setembro.

Tabela 1 - Volume importado de lácteos (em equivalente leite)¹ - OUTUBRO/18

Produto	Volume (mil litros de leite)	outubro /18 - setembro/18	Participação no total importado em outubro/18	out/18 - out/17
Total	154.896	64,8%	-	114,2%
Leite em pó (integral e desnatado)	127.874	105,6%	82,6%	155,1%
Queijos	25.054	-12,8%	16,2%	18,4%
Manteiga	873	-3,0%	0,6%	337,2%
Leite modificado	1.052	-51,8%	0,7%	55,3%
Total acumulado jan-out/2018 frente ao mesmo período de 2017:				-14,4%

Tabela 2 - Volume exportado de lácteos (em equivalente leite)¹ - OUTUBRO/18

Produto	Volume (mil litros de leite)	outubro/18 - setembro/18	Participação no total exportado em outubro/18	out/18 - out/17
Total	5.127	-48,7%	-	-27,8%
Leite em pó (integral e desnatado)	20	-99,5%	0,4%	-83,4%
Leite condensado	1.692	-9,2%	33,0%	-48,1%
Queijos	2.496	-4,4%	48,7%	-3,3%
Leite fluido	691	4,3%	13,5%	69,4%
Total acumulado jan-out/2018 frente ao mesmo período de 2017:				-47%

Notas: (1). Consideram-se os produtos do Capítulo 4 da NCM mais leite modificado e doce de leite. (2). o soro de leite é medido em quilos, não sendo convertido em litros. Fonte: Comex / Elaboração: Cepea.

¹A categoria "leites em pó" considera os seguintes NCM definidos pela Secex: 4021010; 4022110; 4021090.

²A categoria "queijos" considera os seguintes NCM definidos pela Secex: 04061010; 04061090; 04062000; 04063000; 04064000; 04069010; 04069020; 04069030; 04069090.

Alta do dólar encarece adubo e eleva custos em outubro

Por Caio Monteiro

As valorizações de 6,46% dos adubos e corretivos e também de 3,3% dos combustíveis em outubro elevaram os custos de produção da pecuária leiteira no mês. Na “média Brasil” (BA, GO, MG, PR, RS, SC e SP), o Custo Operacional Efetivo (COE), que considera os gastos correntes das propriedades, registrou alta de 0,82% em outubro. No acumulado de 2018, os custos já subiram 8,66%, muito próximo ao IGP-DI que, de janeiro a outubro, subiu 8,82%.

Entre os estados acompanhados pelo Cepea, a maior alta no COE em outubro, de 1,5%, foi observada em Minas Gerais, seguido por São Paulo e Rio Grande do Sul, com elevações de 0,82% e de 0,66%, respectivamente. Goiás foi o único estado que teve recuo no COE no mês, de 0,93% – neste caso, a baixa esteve atrelada à desvalorização de 2,9% do concentrado.

As altas nos preços dos adubos e corretivos, por sua vez, se devem à valorização do dólar em setembro – vale lembrar que esses insumos têm parte da maté-

ria-prima importada. Em outubro, o dólar teve média de R\$ 3,76, mas, em setembro, atingiu R\$ 4,11, devido ao período eleitoral brasileiro. Quanto ao combustível, a Petrobras subiu em 2,8% o preço do diesel em outubro – contexto que também elevou os valores dos fretes.

ALIMENTAÇÃO – A alta desses grupos de insumos impacta diretamente nos custos com a implantação e reforma de pastagens e também nos gastos envolvendo o cultivo das lavouras de milho para silagem, que será fornecida em 2019. Nesse cenário de custos de alimentação mais elevados, cabe ao produtor se planejar. Por enquanto, em outubro, o concentrado permaneceu praticamente estável (ligeira alta de 0,13%) na “média Brasil”.

CUSTOS DE PRODUÇÃO



Foto: Bento Viana/Senar.

MILHO: Após quase três meses em queda, preços sobem

Por Carolina Camargo Nogueira Sales

Os preços do milho subiram no mercado interno, após quase três meses registrando quedas. Isso porque produtores voltaram a se retrair, uma vez que a maioria está capitalizada e não tem interesse em negociar grandes volumes.

No acumulado de novembro (até o dia 14), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas – SP) registrou considerável alta de 7,8%, fechando a R\$ 36,83/saca de 60 kg no dia 14. Na média das regiões acompanhadas pelo Cepea, no mesmo período, os aumentos são de 0,9% no mercado de balcão (preço pago ao produtor) e 2,2% no de lotes (negociação entre empresas).

Do lado comprador, pontualmente retomam as aquisições de lotes no mercado, porém ainda com cautela, devido ao bom andamento da safra verão e da expectativa de estoques confortáveis nos próximos meses.

No campo, os bons volumes de chuvas beneficiam o andamento do semeio nas principais regiões do Paraná e Rio Grande do Sul. Segundo dados do Seab/Deral, 98% da área prevista para a safra verão havia sido semeada até o dia 15 de novembro, com 95% das lavouras em boas condições, sendo que 94% estão em desenvolvimento vegetativo, 4% em floração e 2% em período de germinação. No Rio Grande do Sul, dados da Emater indicam que o plantio do cereal totalizou 81% da área até o dia 14.

(R\$/sc de 60 kg)	
janeiro	32,70
fevereiro	34,66
março	41,37
abril	39,92
maio	42,69
junho	40,55
julho	37,22
agosto	41,17
setembro	40,31
outubro	36,43
1ª quinzena de novembro	35,68

Fonte: Cepea-Esalq/USP.

FARELO DE SOJA: Com fraca demanda, valores caem no BR

Por Débora Kelen Pereira da Silva

Grande parcela dos compradores brasileiros de farelo de soja sinaliza estar abastecido até o final de novembro. Já outros indicam necessidade apenas de lotes pequenos, para repor estoques. Esse cenário reduziu a demanda doméstica por farelo de soja na primeira quinzena de novembro, pressionando as cotações internas. Assim, os preços caíram 0,1% no acumulado de outubro (até o dia 14). Vale ressaltar que frente ao mesmo período de 2017, os valores do farelo de soja estão 29,9% maiores neste ano.

Além do menor consumo por pecuaristas domésticos, a demanda externa também perdeu forças, visto que os embarques de farelo de soja caíram por três

meses consecutivos. Ainda assim, na parcial de 2018 (até outubro), o Brasil exportou 14,19 milhões de toneladas, 14,2% acima do embarcado no mesmo período de 2017, conforme dados da Secex. A receita adquirida nas exportações do derivado é de US\$ 4,68 milhões na parcial do ano, 32% maior que a do mesmo período ano passado.

A Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos e Vegetais) tem procurado representantes chineses para tentar negociar uma maior exportação de farelo de soja do Brasil para a China, na tentativa de elevar a margem de lucro das indústrias, que segue reduzida. No entanto, ainda não tem um parecer sobre a negociação.

(R\$/tonelada)	
janeiro	1.004,88
fevereiro	1.115,87
março	1.211,72
abril	1.292,72
maio	1.396,71
junho	1.396,37
julho	1.348,77
agosto	1.340,92
setembro	1.374,30
outubro	1.312,91
1ª quinzena de novembro	1.282,78

Fonte: Cepea-Esalq/USP.

ENVIE SUAS DÚVIDAS E SUGESTÕES:

Contato: leicepea@usp.br

Acompanhe mais informações sobre o mercado de leite em nosso site: www.cepea.esalq.usp.br/leite

PARA RECEBER O BOLETIM DO LEITE DIGITAL:

Encaminhe-nos um e-mail para

leicepea@usp.br com os seguintes dados:

nome, e-mail para cadastro, endereço completo e telefone